

## Gerenciamento de riscos na prática do *Parkour* na cidade de Natal/RN

Risk management in *Parkour* practice in the city of Natal / RN

Gestión de riesgos en la práctica del *Parkour* en la ciudad de Natal/RN

**Edna Nascimento de Jesus 1<sup>I</sup> , Allyson Carvalho de Araújo 2<sup>II</sup> , Marcio Romeu Ribas de Oliveira 3<sup>III</sup> **

<sup>I</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

<sup>II</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

<sup>III</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

### RESUMO

O *Parkour* é uma prática corporal que tem uma relação íntima com o desafio e, por consequência, com o risco. Tendo em vista a ausência de equipamentos específicos de segurança, porém há maneiras utilizadas para que esses riscos possam ser controlados. Assim, o objetivo deste texto é refletir sobre o gerenciamento de riscos na prática do *Parkour*. Para isso, realizamos um diálogo entre os depoimentos dados em entrevista semiestruturada com cinco praticantes de *Parkour* de Natal/RN e o que a literatura diz a respeito da prática. Entendemos que os praticantes mais antigos tendem a ter uma maior conscientização e gerenciamento dos riscos do que os iniciantes, e que a participação de sujeitos mais experientes contribui para o aprendizado de medidas de segurança na prática do *Parkour* na cidade.

**Palavras-chave:** Gestão de risco, Educação Física, Práticas Corporais

### ABSTRACT

*Parkour* is a body practice that has an intimate relationship with the challenge and, consequently, with the risk. In view of the absence of specific safety equipment, however there are ways used so that these risks can be controlled. Thus, the purpose of this text is to reflect on risk management in the practice of *Parkour*. For this, we conducted a dialogue between the testimonies given in semi-structured interviews with five *Parkour* practitioners from Natal/RN and what the literature says regarding the practice. We understand that older practitioners tend to have a greater awareness and risk management than beginners, and that the participation of more experienced individuals contributes to the learning of safety measures in the practice of *Parkour* in the city.

**Keywords:** Risk management; Physical Education; Body Practices

## RESUMEN

El *Parkour* es una práctica corporal que tiene una relación íntima con el desafío y, por consecuencia, con el riesgo, teniendo en la vista, la ausencia de equipamientos específicos de seguridad, todavía hay maneras utilizadas para que esos riesgos sean controlados. Así, el objetivo de este texto es reflejar sobre el gerenciamento de riesgos en la práctica del *Parkour*. Para eso, realizamos un diálogo entre las declaraciones dadas en una entrevista semiestructurada con cinco practicantes de *Parkour* de Natal/RN y lo que la literatura dice referente a la práctica. Entendemos que los practicantes mayores tienden a tener una mayor conciencia y gestión de riesgos que los principiantes, y que la participación de personas más experimentadas contribuye al aprendizaje de las medidas de seguridad en la práctica de *Parkour* en la ciudad.

**Palabras clave:** Gestión de riesgos; Educación Física; Prácticas Corporales

## 1 INTRODUÇÃO

A prática do *Parkour* desde o seu surgimento, vem ganhando notoriedade com o passar dos anos, principalmente com a ajuda de vídeos disponibilizados na internet. Porém, o que muitas vezes, pode ser um canal de acesso ao conhecimento da prática, traz em contrapartida, ausência de conhecimentos básicos sobre o gerenciamento dos riscos que estão atrelados à prática.

Assim sendo, temos como objetivo, analisar as maneiras de gerenciar os riscos na prática do *Parkour*, partindo dos relatos dos praticantes experientes da cidade de Natal/RN, dialogando com o que a literatura apresenta em relação ao tema.

## 2 ENTENDENDO A PRÁTICA

O *Parkour* é uma Prática Corporal de Aventura Urbana - PCA, que consiste em basicamente, ultrapassagem de obstáculos, sendo eles dos mais variados tamanhos e formas. Na sua essência, não há um espaço institucionalizado, como algumas práticas com regras ou demarcação predeterminadas. Os praticantes do *Parkour* têm como umas das suas características sendo a apropriação de espaços destinados ao lazer, sendo os mais comuns, as praças, e também utilizam outras estruturas que possibilitem o seu uso nas habilidades específicas, ou seja, “[...] adotando outros sentidos e significados a estes espaços” (Costa; Costa, 2007).

Esse processo de escolha de um local se dá pela observação das estruturas existentes, se determinada praça apresenta elementos e equipamentos (bancos, corrimão, escada, calçadas, grama, areia e paredes) que possam ser utilizados. Esses passam a ser um local de desafios corporais para os praticantes, porém, em sua essência é um local não específico para a prática do *Parkour*, ou seja, esses espaços e equipamentos, não foram destinados para este fim, mas são utilizados para realizar suas práticas corporais. Neste sentido, salienta Rechia (2009):

[...] salienta-se que espaços multifuncionais e adaptáveis a diferentes interesses culturais, os quais podem ser utilizados pela população das mais diversas formas, são ambientes interessantes, pois a não determinação de um uso específico possibilita ao frequentador apropriar-se do espaço da maneira que lhe for mais agradável e necessária (Rechia, 2009, p. 79).

Esse olhar diagnóstico depende do nível de domínio das habilidades do *Parkour* e o tipo de treino que o indivíduo deseja realizar naquele dia. Ao analisarmos um iniciante, este obviamente não se apropriou de elementos com um determinado grau de dificuldade, tampouco dos domínios de habilidades específicas. Compreendendo isso, ele irá procurar locais que estejam compatíveis com seu repertório motor.

Porém não podemos levar em consideração somente esses aspectos. Na experiência da primeira autora, como praticante do *Parkour* há alguns anos, a observação dos locais de treinos e os circuitos que desejamos realizar, devem ser gerenciados partindo das habilidades específicas que se domina e objetiva alcançar. A escolha do local está atrelada por especificamente, ao que o grupo deseja treinar naquele dia, como por exemplo, os saltos acrobáticos.

Ao pesquisar vídeos na internet sobre *Parkour*, é notório a aparição de indivíduos que realizam as acrobacias em estruturas de concreto. Porém, pode ser imperceptível que antes de ser executado neste tipo de solo, seja necessário treinar

em ambientes mais seguros e utilizando colchões, gramas ou em morros de areia. O último caso é o mais comum entre os praticantes da cidade de Natal/RN<sup>1</sup>.

Esse tipo de decisão é umas das maneiras utilizadas para que sejam alcançadas tentativas de novas movimentações, comumente chamadas de "destravar movimentos", ou seja, o processo destinado a aprender a sequência pedagógica até chegar ao movimento precisamente, bem como perder ou superar os possíveis medos existentes que impedem de executar o desconhecido. Após aprender o movimento individualmente, o *traceur* e a *traceuse* (nomes dados aos praticantes masculino e feminino, respectivamente) constroem um compilado que chamam de "movimentações" ou de "*flow*", e os realizam nos espaços escolhidos para o treino. Ou seja, através dos seus movimentos corporais, unem um obstáculo ao outro, formando um traço (Costa; Costa, 2007).

### 3 DO DIREITO AO GERENCIAMENTO DO RISCO

O tratamento dos riscos é uma etapa que indica a compreensão e conhecimento do ambiente por parte dos sujeitos que se submetem aos riscos, desenvolvendo medidas que possam ser realizadas caso ocorra algum imprevisto, e a fim de que as medidas possam ser tomadas para amenizar as possíveis consequências, sendo de conhecimento de todos os envolvidos.

Para Spink (2001), há novas interpretações para o risco no que ela chama de "modernidade tardia". Segundo a autora, na perspectiva da aventura, o risco é caracterizado como um elemento que possui múltiplas funções, amparado pela secularização da modernidade, é "[...]como uma figura de linguagem utilizada para falar de novas sensibilidades decorrentes do imperativo de enfrentar a imponderabilidade e volatilidade dos riscos modernos" (Spink, 2001, p. 1278).

---

<sup>1</sup>Para compreender melhor ver os vídeos: [20 Movimentos do Parkour Que Todo Iniciante Deve Aprender - Bing video](#); [#50 - Treinando Saltos mortais na areia - YouTube](#).

A autora parte de um traçado histórico da humanidade frente ao risco, salientado que esse esteve sempre relacionado com as formas de controle social, transitando pela sociedade disciplinar como uma formação típica da modernidade clássica, porém “[...] para a sociedade de risco, formação emergente na modernidade tardia” (Spink, 2001, p. 1278). Em seu trabalho, Spink (2001) utiliza o termo “risco-aventura” referindo-se às novas formas de aventuras e as relações com os antigos jogos de vertigem. Este termo também enfatiza o deslocamento dos sentidos que são adicionados ao risco quando relacionado à gestão dele na aventura.

A palavra risco, conforme a autora, emergiu no período de transição entre a sociedade feudal e o Estado-nação no período da pré-modernidade, no qual a humanidade se deparou por várias situações de perigos, podendo ser caracterizados como involuntários, assim como são as calamidades naturais, ocasionadas por eventos da natureza, ou como voluntários, que estão associados ao estilo de vida. É o que a autora denomina de “forma específica de se relacionar com o futuro”. Porém, a palavra risco não estava dentro do léxico nas linguagens indo-europeias da época.

Em presença da possibilidade de controlar possíveis eventos do futuro surgiu de uma maneira emergente, o uso da palavra risco “[...]no catalão no século XIV, nas línguas latinas no século XVI e nas anglo-saxônicas no século XVII” (Spink, 2001, p. 1279), um termo que estava sendo associado ao futuro levando em consideração à situação econômica da época. No entanto, foi na modernidade clássica que o conceito de risco tornou-se efetivamente utilizado.

Ainda conforme os estudos de Spink (2001), o conceito de risco passou por duas perspectivas, uma voltada para o desenvolvimento da teoria da probabilidade no século XVII, e outra, envolvendo o uso da estatística enquanto ferramenta de ciência para o estado. No século XIX, na chamada idade de ouro da gestão dos riscos, com o desenvolvimento da ciência sanitária, que posteriormente seria denominada de Estado de Bem-Estar Social. Mas é no século XX que o conceito passa pela formalização aliada ao aperfeiçoamento dos riscos através dos cálculos. Estes riscos

eram vinculados à situação epidemiológica, estando associada do público com a percepção e a relação com o risco, visando a saúde do corpo e o meio ambiente.

Aprendendo todo esse contexto, a gestão dos riscos era promovida por meio da educação, sendo composta por quatro estratégias: “[...] os seguros, as leis de responsabilização por danos, a intervenção governamental direta e a auto-regulação” (Spink, 2001, p. 1280), que paulatinamente, o quesito comunicação sobre os riscos foi imprescindivelmente empregada para que houvesse uma participação pública no processo do controle social dos riscos, o que acarretou uma série de críticas por parte de outras linhas de pensamentos<sup>2</sup>.

Na perspectiva da mesma autora, ela afirma que houveram dois grandes empasses, um se tratava do não reconhecimento da própria definição do conceito de risco, e o outro, se refere às transformações que os riscos iam ganhando e se globalizando com o passar dos anos, trazendo à tona a ordem técnica e a probabilidade de cálculos desses riscos. Envolto disso tudo, estava o dilema de conceituar o que é risco e quais as formas de gerir estes riscos.

A gestão dos riscos é um fenômeno da modernidade tardia e, sendo uma forma de governar populações, devemos entender esse enredo na perspectiva das mudanças que vêm ocorrendo na esfera da governamentalidade e que levam muitos autores (entre eles Castel, 1991) a afirmarem que estamos vivenciando o fim da sociedade disciplinar (ou modernidade clássica) e o início da sociedade de risco (ou modernidade tardia). Isso implica entender como passamos do foco na gestão da vida para o foco na gestão do risco (Spink, 2001, p. 1281).

Como podemos inferir nesta fala da escritora, o conceito e finalidade da gestão de riscos sofreu algumas mudanças dependendo da esfera do governo em vigor, perpassam sobre transformações na sociedade e na sua relação com a vida. Percebemos também que o foco é transferido, já não existe mais a necessidade de uma gestão da vida, mas sim dos riscos pelos quais comprometem o prolongamento desta.

---

<sup>2</sup> Neste texto não abordaremos ou aprofundaremos outras posturas teóricas sobre os riscos para nos deter apenas ao processo de definição dos riscos e sua gestão.

---

Nesta percepção, Spink (2001) aponta o termo risco-aventura com uma dimensão positiva no enfrentamento dos riscos como uma forma de destradicionalização do termo realizando uma junção entre “risco e aventura”, abrangendo as possibilidades de descobertas, a ligação entre “risco e formação de caráter” com a expressão do valor educativo da aventura, e a ligação entre o “risco e aposta”, com essência dos ganhos e perdas na perspectiva econômica.

Em meio à outras formas de aventura, deteremos a relacionada às Práticas Corporais de Aventura<sup>3</sup>, que a autora se baseia nos escritos de Roger Caillois para embasar o crescimento significativo dos jogos de vertigem e as formas culturais que “englobam todas as modalidades de esportes que exaltam a velocidade, a adrenalina, a obliteração da razão pela concentração total na ação” (Spink, 2001, p. 1285). Assim, percebe-se que há uma outra relação com o risco-aventura que se configura de outra maneira na sociedade que iremos dialogar, e está presente no *Parkour*.

Ao mencionar a prática do *Parkour*, muitos sujeitos associam esta prática às imagens mais extremas, como os que saltam e escalam grandes edificações. De fato, não se pode negar que a prática do *Parkour* tem um relacionamento íntimo com o risco e que este se intensifica ainda mais devido a inexistência de equipamentos específicos para a proteção individual ou coletiva, como na prática da escalada ou skate com os capacetes e fivelas de segurança, por exemplo. No *Parkour*, podemos levar em consideração, enquanto elementos de proteção, as vestimentas largas, que auxiliam no deslocamento, e sapatos confortáveis com boa aderência no solado para evitar possíveis escorregões.

Segundo Le Breton (2009), a relação dos sujeitos com o risco se dá a partir do momento que ele nasce, e o acompanha no decorrer da sua vida, por mais que a família encontre maneiras de minimizá-los. Mas ao iniciar a fase da juventude, essa relação tende a se intensificar. Tomam medidas para serem aceitos em um grupo ou

---

<sup>3</sup> Nos escritos da autora encontra-se o termo ‘esporte de aventura’, utilizaremos “Práticas Corporais de Aventura” por ser a nomenclatura mais atual na literatura.

para tentar comprovar algo aos demais da sua idade ou até mesmo o excesso de proteção faz com que o desejo de se arriscar seja mais evidente.

Conforme Medeiros, Sousa e Santos (2017) a crescente busca pelos esportes de 'aventura' ou 'radical' (como são chamadas as Práticas Corporais de Aventura pelos autores), tem ocasionado também o aumento de acidentes entre os praticantes, levantando um grande questionamento sobre a responsabilidade desses sujeitos ao expor suas vidas ao risco deliberado. Ao mesmo tempo, os autores salientam que,

É preciso compreender, entretanto, que esta busca pela incerteza não é feita irresponsavelmente. Ainda que consequências severas – incluindo aí a morte – estejam no horizonte daqueles que praticam tais esportes, o risco por eles enfrentado está dentro da esfera de controle de que se sentem capacitados a enfrentar. Cada gesto, cada movimento é planejado, cada decisão é ponderada, sem que se ignore, contudo, o preço a se pagar em caso de erro (Medeiros; Souza; Santos, 2017, p. 2439).

Os autores ainda afirmam, que ao entrar no jogo do risco com a sua integridade humana, o sujeito pode estar encarando a subjetividade do direito que é tutelado pelo âmbito que rege a dignidade humana, o que caracteriza a busca pela legitimidade existencial, bem como a construção da sua imagem pessoal atrelado à afirmação de suas personalidades, junto à afirmação da sua autonomia moral. Este pensamento corrobora com Pimentel (2010) quando realizou sua pesquisa com os praticantes de voo livre, constatando que

a) A responsabilidade é eminentemente do indivíduo, com forte crença na segurança da tecnologia. [...] b) Acidentes são raros quando se obedece a uma série de procedimentos estabelecidos como seguros[...] c) O indivíduo é reduzido às suas competências, desconsiderando aspectos socioculturais ou reduzindo-nos a uma tendência comportamental [...] d) O enfoque está sobre aspectos racionais, particularmente a percepção da realidade (piloto-natureza-equipamento), embora as sensações sejam substancialmente determinantes no risco percebido [...] e) Como os mesmos elementos de segurança representam os riscos, há uma tendência em relativizar o perigo sempre que este é admitido (Pimentel, 2010, p. 55).

Percebe-se que os indivíduos reconhecem os elementos dos riscos que estão envolvidos na prática, elencar ferramentas para controlar e administrar esses riscos, e depois eles se permitem vivenciar essa relação com o risco que está intrinsecamente ligado à prática, tendo em vista que a relação entre o prazer e o risco não tem como



desassociá-los, como nos afirma Silva *et al.* (2016), ao fazer uma relação com as Práticas Corporais realizadas na natureza, pois “a natureza desconhecida traz incertezas ao praticante, em que o risco e o prazer ora aparecem em uma dimensão dicotômica, ora se fundem entre si” (Silva *et al.*, 2016, p. 465).

Para Olic (2012), ao relatar sobre a relação do risco na prática do skate, ele afirma que pode ser manifesta de duas formas, seja “[...]como uma atitude de radicalizar, ora como modo de preservar” (Olic, 2012, p. 100), e dentro dessas perspectivas podem representar a participação de uma dada faixa etária. O autor sinaliza que os jovens tendem a arriscar mais nas manobras, têm mais prazer com as quedas quando ousam algo mais difícil, o que conseqüentemente registra uma menor preocupação com as lesões. Já os mais velhos, tendem a criar “[...] estratégias para lidar com os riscos da quebra do corpo” (Olic, 2012, p. 101).

Este flerte, para Le Breton (2009) se dá pela tentativa de substituição do real pelo simbólico, no qual os riscos que são assumidos conotam uma importância sociológica bastante considerável, já que os limites que são oferecidos pelos sistemas de valores e sentidos, vão perdendo sua legitimidade, contribuindo para o impulso das explorações dos “extremos”, que são a busca pela performance, pela proeza, pela velocidade, imediatismo, frontalidade, do uso exagerado dos recursos físicos, bem como ao aumento do risco. “O contato bruto com o mundo através do uso das potencialidades físicas substitui o contato cauteloso que proporcionava o campo simbólico. Trata-se, a partir daí de experimentar, às custas do corpo, a capacidade íntima de olhar a morte de frente sem fraquejar” (Le Breton, 2007, p. 88).

Segundo Cavasini (2019) ao abordar sobre Esportes praticados ao Ar Livre, é necessário observar algumas orientações para que seja feito um bom gerenciamento de riscos. Para ele, gestão de riscos é um conjunto coordenado de atividades e métodos empregados para dirigir uma insatisfação, controlando os riscos que podem afetar a capacidade de atingir seus objetivos, já o risco, para ele é efeito das incertezas sobre os objetivos.

Sabendo disso, ele salienta a necessidade de realizar um levantamento dos seguintes tópicos antes de realizar uma Prática Corporal de Aventura e seus riscos: probabilidade (chances); consequências (resultados); reais (realmente existem); subjetivos (percepções dos praticantes). Os fatores de riscos são: incidentes/acidentes mais graves costumam ter resultado da combinação de fatores e não de apenas um fator (Cavasini, 2019).

Cavasini (2019) ainda sugere alguns passos para realizar um bom gerenciamento de riscos, são eles:

Quadro 1- Passos para o gerenciamento de riscos

|   |                          |                              |
|---|--------------------------|------------------------------|
| <b>Comunicação, monitoramento e revisão</b> | <b>Contexto de local</b> | <b>Tratamento dos riscos</b> |
|   | Identificação dos riscos |                              |
|   | Análise dos riscos       |                              |
|   | Avaliação dos riscos     |                              |

Fonte: Cavasini (2019), adaptado.

Partindo desses pontos, percebemos que, por mais que estas vivências sejam atrativas por proporcionarem uma relação com os riscos, é de extrema necessidade estabelecer alguns procedimentos para que estes não se tornem um agravante aos praticantes das Práticas Corporais de aventura, as probabilidades de ocorrer acidentes se tornam maiores.

Ainda segundo Cavasini (2019), é importante realizar esse gerenciamento de riscos pois permite que os indivíduos conheçam os locais onde irão realizar as suas práticas, fazendo com que este elemento não seja um empecilho. Dessa maneira, percebemos que na prática do *Parkour* os passos para o gerenciamento de riscos são: reconhecimento do local; estudar o local; quais os tipos de vegetação são mais presentes; se há animais e quais tipos; que estruturas foram construídas, se estas estão em bom estado de conservação ou não, para evitar possíveis acidentes, acordando com a comunicação, monitoramento e revisão, sugeridos pelo autor.

No que se refere ao contexto do local, é importante conhecer o espaço que será utilizado. No caso do *Parkour* que normalmente são utilizados espaços e equipamentos de lazer (mais comumente praças), são chamados de espaços não específicos, por se tratar de um ambiente que não foi construído para tal (Rechia, 2009). Sabendo dessa característica, podemos inferir que a análise desses espaços e equipamentos estão em condições apropriadas para a prática.

#### 4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para realizarmos esta pesquisa, utilizamos como base uma pesquisa de abordagem qualitativa, para a coleta de informações foi realizada uma entrevista semiestruturada com a participação de cinco praticantes de *Parkour* da cidade de Natal/RN, com faixa etária entre 18 e 27 anos de idade, sendo uma moça e quatro rapazes, com escolaridade que variava entre estudantes do Ensino Médio, produtor de conteúdos digitais, tradutora (norte americana casada com um brasileiro) e um estudante de graduação em Ciência e Tecnologia. O tempo de prática dos participantes variava entre três e dez anos.

O texto é tributário de um recorte da nossa pesquisa de mestrado e a coleta foi realizada entre os dias 30 de novembro e 04 de dezembro do ano de 2019, com o consentimento de todos os envolvidos. As entrevistas foram realizadas nos locais de treino, sendo eles na Área de Lazer do bairro Panatis e no Anfiteatro da UFRN. Dentre as perguntas, houve um ponto sobre o gerenciamento de riscos na prática do *Parkour*, que será transcrito especificamente neste escrito.

Comparamos as medidas que são utilizadas pelos *Traceurs e Traceuses*<sup>4</sup> na prática do *Parkour* na cidade de Natal/RN, com as orientações propostas por autores que tratam sobre o Gerenciamento de Riscos nas práticas corporais ao ar livre e

---

<sup>4</sup>Os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, Permissão de Gravação de Voz e Autorização de uso de imagens e vídeos. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Cep - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Sendo assim, as entrevistas e as gravações só se deram depois do parecer com a liberação para tal com o número 3.476.860.

medidas preventivas, tendo em vista que, no *Parkour*, não há a existência do uso de equipamentos de segurança, sejam individuais ou coletivos.

Partindo desse diálogo com os autores que abordam sobre a temática e os praticantes de *Parkour*, propomos alguns caminhos para que sejam analisados e observados para iniciar as vivências do *Parkour* de acordo com os entendimentos dos praticantes da cidade de Natal/RN. As entrevistas foram gravadas, em seguida descritas e analisadas individualmente, depois comparadas as percepções de cada praticante sobre os temas abordados.

## 5 ANÁLISES DE DISCUSSÕES

O envolvimento do *Parkour* com o gerenciamento dos riscos, podem ser contatos com os seguintes elementos são as próprias vestimentas, ou seja, que podem ou devem ser confortáveis, para não atrapalhar na realização dos movimentos, um calçado que tenha boa aderência no solado, para não acontecer possíveis escorregões no momento da ultrapassagem ou nos intervalos entre um obstáculo e outro.

Outras características que podem ser observadas antes da prática do *Parkour*, são descritas por Garcia (2008), são eles: o ambiente ou obstáculos (que estejam em boas condições de uso e bem fixadas), da tarefa (os indivíduos devem analisar se dominam as especificidades do movimento que deseja realizar em dado obstáculo); e do indivíduo (se está com o domínio dos medos e inseguranças estão dominadas).

Estas condições são extremamente importantes para que sejam realizados os princípios para o gerenciamento de riscos na prática do *Parkour*. Pimentel (2010), ao realizar uma pesquisa sobre o gerenciamento de riscos presente na prática do voo livre, afirma que, as Práticas de Aventura, estão intrinsecamente ligadas ao risco real e o risco racional pois existem elementos que são perceptíveis, sensíveis e racionais para que seja realizado o seu controle. “Quanto menos discrepância houver entre o risco percebido e o risco real, menos perigosa se torna a vivência dessa prática

---

corporal” (Pimentel, 2010, p. 47). O autor aponta ainda, que não é que elas sejam praticadas com falta de consciência dos riscos, e sim, que são administradas por meio da educação do corpo, nas suas funções motora, sensorial e física.

Para *traceurs* e *traceuses* que participaram da entrevista, reconhecem a presença dos riscos, e que para evitar acidentes, P4, diz: “Conhecer o seu próprio corpo. Por exemplo, você não pode fazer um movimento que é muito mais longe do que você já fez, você tem que ... tem que se movimentar sempre pensando nos seus próprios [sic] realidades, e só empurrando essas habilidades aos poucos, para diminuir o risco de se machucar”. Inferimos nesta fala que, é necessário que o indivíduo praticante esteja ciente das capacidades físicas e reconheça os obstáculos que serão utilizados, bem como o domínio do que se deseja executar.

Para o P5, que já treina há mais de 10 anos, ao responder sobre os riscos no *Parkour* ele salienta que se essa pergunta tivesse sido feita a um determinado tempo atrás, afirmaria que o *Parkour* é seguro, todavia, é realizado em velocidade, em ambientes de concreto, locais altos, com corrimões, tornando extremamente perigoso, mas que não são publicadas com frequência as histórias horríveis que imagina existir, e por isso, ele chama a atenção de uma necessidade de conscientização da autopreservação. Ele complementa da seguinte maneira:

O *Parkour* é sim perigoso. Para você evitar o maior número de riscos possível, tem que tentar respeitar os seus limites, tentar não treinar ou tentar fazer movimentos por causa da fama, por causa da alegria que isso vai gerar para os seus amigos, ou alguma coisa do tipo. Não fazer as coisas por impulso, tentar fazer movimentos por impulso. É... ou não fazer movimentos cansados também. Há vários, têm vários aspectos que podem seguir para tentar diminuir esses riscos (P5).

Podemos inferir neste relato que os praticantes do *Parkour* que participaram da pesquisa reconhecem que esta prática corporal é perigosa e que é necessário respeitar os próprios limites. Na visão dos sujeitos da pesquisa, o risco não por se tratar de algo que deve ser considerado em favor de processos de excitação e/ou valorização social. Isto é perceptível pelo fato do *Parkour* estar relacionado com a

espetacularização promovida pelos filmes, propagandas, comerciais e até mesmo pelo processo de esportivização que vem acontecendo nos últimos anos.

Partindo desse relato, percebemos que, por mais que o sujeito tenha domínio da técnica, anos de prática, conheça o local do treino, imprevistos acontecem e consequentemente os acidentes. Segundo P2, uma maneira de amenizar essas tensões se dá no processo de aprendizagem, compreender as técnicas básicas para cada movimento,

Não, eu tento meio que facilitar para eles. Tipo, digamos que eu vou ensinar um mortal lateral. Pronto, eu pego a estrelinha, que normalmente qualquer criança faz, ou às vezes não, nem todas. Aí eu tento passar a entrelinha, da estrelinha eu tento passar o rolamento lateral. E ... progressivamente, eu tento fazer com que ele entenda como funciona, e... tendo ensinar o básico, tipo... a cair, a rolar certo, para fazer uma estrelinha mais certa, tipo, utilizar mais a força do corpo para sair do chão, grupa, e tipo, evita ao máximo que ele se machuque (P2).

Obviamente que tudo depende de o quê se pretende ensinar. Tendo como base essa informação, os procedimentos para gerenciar os riscos podem ser adaptados na prática do *Parkour* da cidade de Natal/RN. Para Spink (2001) que utiliza o termo risco-aventura para se referir de maneira parcial, o que ela chama de novas modalidades de aventura, bem como a roupagem para as antigas modalidades dos jogos de vertigem, em relação ao termo composto é necessário para enfatizar o deslocamento da relevância dos sentidos modernos que estão sendo dados ao risco ocupados na aventura, na perspectiva positiva na gestão dos riscos.

Spink (2001) aponta que uma dimensão do risco é uma forma específica de se relacionar com o futuro quando há a possibilidade de passividade de controlar o futuro, desenvolvendo instrumentos que calculam a probabilidade do envolvimento com o risco, obviamente, se configura como um objeto do governo. Essa relação também pode ser visualizada na medida em que o *Traceur* e a *Traceuse* calculam a maneira que desejam ultrapassar o obstáculo, seja na utilização da força, no impulso ou número de passos que são necessários para fazer a ligação entre um obstáculo e outro. Claro que a perspectiva que traçamos aqui, é da nova configuração que a

autora chama de “modernidade tardia”, na qual se dá com o envolvimento do risco-natureza.

Ao pesquisar vídeos na internet, é comum encontrarmos exibições com alto grau de dificuldades, sendo comumente vista por indivíduos que recebem patrocínio. Essa é uma problemática que tem chamado a atenção por apresentar a presença de empresas que estimulam a prática, ao mesmo tempo em que divulgam a sua marca, pelo alcance que se tem com o seu público-alvo. Entendemos que há uma relação com este tipo de investimento configura com a utilização do envolvimento do indivíduo com o risco se torna algo lucrativo, tendo em vista que foi por meio de vídeos disponíveis na internet que o *Parkour* ganhou gradativamente boa parte de seus adeptos.

Quando recorremos novamente à fala do P5, que revela que há histórias desagradáveis envolvidas com a prática do *Parkour*, isso também inclui os que aceitam realizar manobras (creio que podemos nomear assim) um tanto arriscadas utilizando vestimentas que contenham o *Slogan* de uma determinada marca ou ingerindo-a (no caso de bebidas energéticas) em alguma parte do “treino”, que consiste em arriscar mais, estimulando a exploração de novos lugares, com movimentos habituais ou inovados, com um ângulo que valorize mais a performance do “atleta”. Dessa maneira, a relação que o indivíduo atribui com a Prática Corporal ganha também outra configuração torna-se assim, o seu trabalho, no qual deve apresentar o seu rendimento, o seu trabalho, o seu esforço e dedicação naquilo que faz.

Martins (2016) realiza um contexto histórico sobre a relação do risco com a sociedade, ele aponta que há uma proximidade entre ambos, influenciando no seu estilo de vida, na passagem de um período pré-moderno para outro o moderno, envolvendo várias áreas de conhecimento. Ele afirma também que “[..] a alteração no modo de percepção de mundo altera a administração do risco, que passa a ter como objeto a possibilidade do acontecimento, impactando o imaginário das seguintes

formas: controle da emoção e a superação da natureza, ultrapassando o limite do risco" (Martins, 2016, p. 33).

Essa realidade é bem detalhada por Le Breton (2009), ao tratar sobre os jogos de vida e os jogos de morte, no qual indivíduos se sujeitam a esta proximidade com o risco da preservação da existência, configurando no que Spink (2001) chama de modernidade tardia, que é essa relação com a "gestão dos riscos", que fora transferida da "gestão da vida", característica da sociedade moderna. Para a gestão de riscos nas PCA's Cavasini (2019) propõe medidas para que esta relação que agora está mais em pauta que essa proximidade do sujeito com os riscos presentes na natureza, seja realizado de maneira consciente, para que esta vivência não se torne trágica, e sim, prazerosa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o acesso ao conhecimento das PCA's entendemos que existe a necessidade de conscientizar os novos adeptos a atenção redobrada em relação aos riscos envolvidos nas suas vivências. Acreditamos que o primeiro contato com o *Parkour* seja por meio dos vídeos disponibilizados na internet, o que muitas vezes, simbolizam uma espetacularização da prática podendo camuflar os riscos inerentes à prática.

Assim, o acesso às PCA's deve estar atrelado ao conhecimento dos riscos existentes, das responsabilidades inerentes à exposição desses riscos, gerenciá-los e obter noções básicas para possíveis acidentes que possam acontecer. Obviamente que são muitos aspectos a serem levados em consideração, mas é necessário para que a prática se torne mais segura e saudável.

## REFERÊNCIAS

CAVASINI, Rodrigo. **Esportes e Atividades ao Ar Livre - Aula 3**. UFMG. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TO4BK9gMAU>. Acesso em: 29 Dez 20.



COSTA, Maria Regina Menezes; COSTA, Vera Lúcia Menezes. Juventude, imaginário social esportes na cidade do Rio de Janeiro. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 2.2007, Governador Valadares. Governador Valadares: **Anais 2 CBAA...** MG, 2007. p.25-29. Disponível em: [http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/lel/anais\\_cbaa/IICBAA.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/lel/anais_cbaa/IICBAA.pdf). Acessado dia 30 set 2017.

GARCIA, Juliana Bianchi. **O Parkour – O desenvolvimento do indivíduo que pratica essa atividade física**. 2008. Disponível em: [http://jupersonal.freevar.com/artigo\\_parkour.html](http://jupersonal.freevar.com/artigo_parkour.html). Acesso em 20 Jan 20.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

MARTINS, Cassio. **A prática de esportes de aventura na escola e o risco calculado: manual sobre as normas de segurança**. 96f. Dissertação (Mestrado) – UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, Volta Redonda, 2016.

MEDEIROS, Jalon Barbosa de; SOUSA, Dandara Queiroga de Oliveira; SANTOS, Antônio de Pádua dos. Direito ao risco nos Esportes de Aventura. In: 20 COMBRACE, 7 CONICE, 2017. Goiânia. **Anais...** Goiânia: COMBRACE 2017, CONICE 2017. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/> ISSN 2175-5930. Acesso em 19 Dez 20.

OLIC, Maurício Bacic. As dimensões do risco: ou como o skatista se torna um agrimensurador do seu corpo. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony. **Skate & skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Percepção dos riscos, condicionamento corporal e interações sociais no voo livre. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 45-59, janeiro 2010. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/703>. Acesso em 15 de Dez 20.

RECHIA, Simone. Planejamento dos espaços e dos equipamentos de lazer nas cidades: uma questão de “saúde urbana”. In: **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos** / organização Alex Branco Fraga, Janice Zarpellon Mazo, Marco Paulo Stigger, Silvana Vilodre Goellner – Porto Alegre: Gênese, 2009. – (Série Esporte, Lazer e Saúde). Disponível em: <http://www.ufrgs.br>. Acesso em: 19 Jun 23.

SPINK, Mary Jane P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17(6):1277-1311, nov-dez, 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2001000600002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2001000600002&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 09 Dez 20.

SILVA, Priscila Pinto Costa da et al. Práticas Corporais na Natureza: o risco e os ritos. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.4, dez/2016, p. 463-382. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1367>. Acesso em: 15 de Dez 20.

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

### 1 – Edna Nascimento de Jesus

Professora de Educação Física, Mestra em Educação Física

<https://orcid.org/0009-0002-5308-0123> • [ednandej@gmail.com](mailto:ednandej@gmail.com)

Contribuição: Conceitualização; Curadoria de dados; Análise formal; Escrita – rascunho original.

### 2 – Allyson Carvalho de Araújo

Professor de Educação Física, Doutor em Comunicação

<https://orcid.org/0000-0003-0114-8122> • [allyson.carvalho@ufrn.br](mailto:allyson.carvalho@ufrn.br)

Contribuição: Supervisão; Escrita – revisão e edição.

### 3 – Marcio Romeu Ribas de Oliveira

Professor de Educação Física, Doutor em Educação

<https://orcid.org/0000-0003-2629-920X> • [marcioromeu72@gmail.com](mailto:marcioromeu72@gmail.com)

Contribuição: Supervisão; Escrita – revisão e edição.

## Como citar este artigo

JESUS, Edna Nascimento de; ARAÚJO, Allyson Carvalho de; OLIVEIRA, Marcio Romeu Ribas de. Gerenciamento de riscos na prática do *Parkour* na cidade de Natal/RN. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 43, e65902, p. 01-14, 2025. DOI 10.5902/2316546465902. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499465902>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.